



A porta principal da igreja matriz
(VILLA DO CONDE)

(Cliché do sr. Joaquim Adriano)

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de
informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . . .	2\$400
» » (6 mezes) . . .	1\$200
» » (3 mezes) . . .	600
Estrangeiro (1 anno)	3\$000
» (6 mezes)	1\$500
Sendo a cobrança feita pelo correio, acresce o importe das despesas.	
Numero avulso	60

COLLEGIO BOA ESPERANÇA

Para educação de meninas

Internas, semi-internas e externas

SOB A DIRECÇÃO DE

Maria Isaura d'Araújo Ogando

POVOA DE VARZIM

Este collegio, torna-se recommendavel aos paes de familia, não só por estar situado no mais bello local da villa, como pela competencia pedagogica da sua directoria e corpo docente. O carinho dispensado ás educandas, a esmerada educação moral e intellectual, a abundante alimentação de 1.^a ordem fornecida, os dormitorios com amplas janelas por onde entra bastante ar e luz, tudo quanto podem desejar as familias mais exigentes, alli se encontra a satisfazer por completo.

Toda a alumna instruida n'este collegio, alem d'uma primorosa educação intellectual, sahirá habilitada a ser uma perfeita dona de casa e a executar as peças do seu vestuario até os proprios vestidos de passeio.

CARDIDO BACELIAR
medico e jornalista

"Manual de Hygiene e
Therapeutica

PERANTE A

OBSTETRICIA E A PEDIATRIA,,
ou Cuidados medicos e familiares
com as mães

(Antes, durante e depois do parto)

^E
Soccorros ás creanças

**Conselhos ás noivas e
assistencia ás familias**

PREFACIANTES: *Ex.^{mos} Drs. Gaspar
Fernando de Macedo e D. Leonor
Amelia da Silva.*

A' venda na Livraria Escolar
de Cruz & C.^a, de Braga, e nas
mais livrarias do paiz.

Collegio Lyceu Portuguez

HUY (BELGIQUE)

DIRECTOR—José Luiz Mendes Pinheiro

Situação magnifica. — Educação moderna.

—Instrucção primaria e secundaria completas.

—Preparação para as universidades belgas.

—Professores de diversas nacionalidades para
o ensino das linguas.

Este collegio veio substituir o antigo Collegio Lyceu Figueirense, da Figueira da Foz. N'elle encontram os alumnos as vantagens d'uma educação moderna, n'um dos paizes mais avançados da Europa, sem augmento de despesa.

Viagens e todas as despesas por conta do Collegio, mediante o pagamento d'uma annuidade fixa, cuja importancia não é superior ao total das despesas a pagar em collegios portuguezes.

Pedir prospectos ao director.



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica



Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

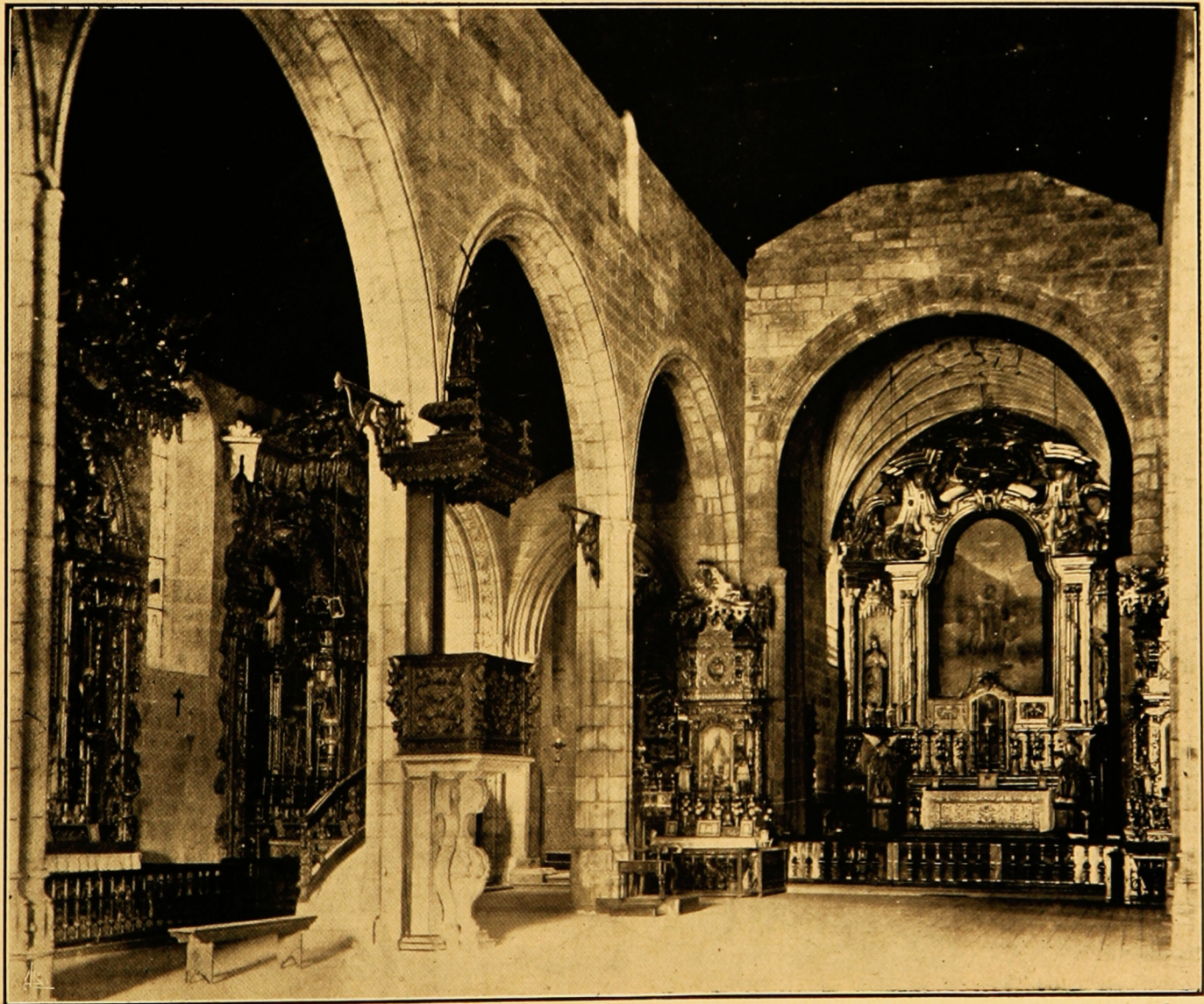
ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 18 de outubro de 1913

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
(Antiga R. da Rainha—Braga)

Numero 16 — Anno I



VILLA DO CONDE—Interior da egreja matriz

Chronica da semana

XVI

UMA correspondencia da capital franceza para um diario portuense annunciava ha dias que por celebrarem a faustuosissima data de 5 d'outubro de 1910, um grupo de portuguezes depuzera no pedestal da estatua de Diderot um ramal de flôres viçosas, em homenagem ao pensador que melhor representou e defendeu a ideia culminante da Revolução.

Seria opportuno lembrar aqui que por motivos estranhos á sua omnipotente vontade, a Junta Liberal não realisou em Lisboa de comparsaria com o elemento official mais vistoso, a projectada saudação aos chamados martyres da revolução portugueza, que um distincto e muito illustrado jornalista italiano irreverentemente definiu uma mudança de ministerio, um pouco mais barulhenta.

Não entremos agora a escoldrinhar qual seria a qualidade do obstaculo encontrado pela junta lisboeta, tanto mais que as festas do anniversario republicano foram prejudicadas pela chuva e o mau tempo; nem tampouco nos prendamos com a opinião de Luigi Barzini acêrca do movimento de ha tres annos, sobre o qual um livro recente de Alvaro Chagas vem projectar alguma luz, e clarear aspectos ainda inéditos.

O que, porém, fica de logico e coerente na celebração d'esta data, e que simultaneamente, mais que a aguda definição de Barzini, ajuda a determinar a natureza e características da acção revolucionaria, é indiscutivelmente aquelle ramo de flôres, deposto por mãos portuguezas no pedestal da estatua de Diderot, em Paris.

Diderot nasceu em Langres a 5 d'outubro de 1713. Nada mais conforme, portanto, do que o gesto do grupo de compatriotas a que nos referimos, saudando o antepassado e precursor do regime por elles preferido.

Entre todos os encyclopedistas Diderot ergue-se chefe, assim como na analyse da anarchia dominante, Diderot se encontra no logar dos fautores responsaveis. Ha entre Rousseau, Voltaire e Diderot divergencias capitaes. O auctor do *Contracto social*, como disse Brunetière, tem por chave do seu systema o dogma da Providencia. O sarcasta de Verney é um theista que, até á hora ultima, não ataca de frente a pessoa divina de Jesus.

Diderot, porém, é o materialismo atheu em toda a sua nudez. Para elle ha uma só realidade: a materia, que é eterna, viva e fecunda, da qual promanam, a vida, a intelligencia e o sentimento.

Do alto da pyramide da *Encyclopedia* elle anathematiza o christianismo, a ideia de ordem, a propria moral.

«Se fosse possivel, que 20.000 habitantes de Paris conformissem estrictamente a sua conducta, pelo *Sermão da Montanha*, haveria tantos loucos que o tenente da policia não saberia que fazer d'el-

les, porque todos os nossos manicomios seriam poucos».

O christianismo é, nas paginas da *Encyclopedia*, o grande flagello da humanidade.

E Diderot abate, n'um golpe simultaneo, todo o mundo moral—«as leis foram inventadas por um punhado de velhacos, de gatunos e de tyrannos que até hoje dominaram o mundo. Desconfiae sempre d'aquelles que desejam a ordem».

Assim, era proclamada pela primeira vez, a ideia essencial da anarchia por excellencia: — nem Deus, nem senhor!

Mas no proposito de derruir a sociedade pasada, elle corrôe ainda a sociedade moderna, atacando, n'uma furia demente, a moral tradicional, a moral commum, que é a arma de defeza da humanidade contra a dissolução dos seus costumes e das suas leis.

Torna-se difficil excerptar da sua obra, tanta grosseria e impudor ella desborda.

Apreciando se o casamento é ou não conforme á natureza, escreve: — «Se entendeis por casamento a preferencia que uma femea concede a um macho sobre todos os outros machos ou a que um macho dá a uma femea sobre todas as outras femeas, preferencia mutua, em consequencia da qual se fórma uma união mais ou menos duradoira que perpetua a especie pela reproducção dos individuos, o casamento está na natureza».

«O pudor é uma virtude imaginaria». «Pode um pae desposar a sua filha, uma mãe o seu filho, um irmão a sua irmã? Porque não?»

E idealizando como Thomaz Moore a sua ilha da Utopia, exemplifica o seu ideal que lembra nateiros de lama, onde cevados rebalsam as enxundias em gozos libertinos!...

Contorcemo-nos todos n'uma crise terrivel, crise social mas por isso mesmo crise moral.

Que offerece Diderot, o patriarcha da Revolução, o antepassado illustre da Republica, como remedio a applicar sobre ella?

A negação de Deus, o predominio exclusivo do instincto, a desordem social, a anarchia, emfim! Bonnot, o quadrilheiro acrata que aterrorisou a França, reclamando n'um documento celebre, o direito de *viver a sua vida*, apenas repetiu o pensamento do encyclopedista, o direito do instincto.

Ah! os portuguezes que o saudaram foram de rigorosa logica. Diderot é um avoengo illustre do republicanismo liberal!...

Não é ahi pregoado pelos intellectuaes vermelhos que a Republica é uma philosophia social? E não arvoram em dogmas intangiveis d'essa mesma philosophia, de cuja acceitação plena fazem condição de partidatismo extreme, o predominio do Estado e a laicisação da sociedade, desenvolvidos depois na heresia proteiforme do liberalismo, sob os campanudos titulos de *democracia, solidariedade, tolerancia, civilisação e espirito modernos, e neutralidade?*

Reduzindo o casamento a contrasenso inadmissivel e antagonico da natureza ataca-se a familia.



Hasteando a desordem ás alturas d'uma regra de redempção social, repudia-se a propriedade.

Apontando a religião como flagello mordaz, ou estreita velhacaria, quebra-se aquelle par de azas que Taine dizia indispensaveis para elevar o homem acima de si mesmo, acima da sua vida ras-tejante e dos seus limitados horizontes.

Concedendo á licenciosidade e ao adultério fóros de legitimidade, que resta d'aquellas qualida-des moraes, e em particular da qualidade que, na phrase de Renan, dá sempre a victoria a uma raça sobre os povos que menos a conservam—a casti-dade?

... Sigamos passo a passo a caminho do repu-blicanismo liberal: tem sido esta a sua obra.

As flôres depostas no pedestal da estatua de Diderot, são afinal o unico traço de coherencia, en-tre as contradicções que diariamente constituem a materia prima da opposição á Republica, e assom-

bram a ingenuidade ignorante de certos visionarios serodios...

F. V.

O tango...



AO negarei que é com dor que vejo entrar em salões ricos, estrellados de luzes faiscantes de cristaes, esta coisa barbara que se chama «tango». Eu sei que a moral é, em muitos labios carminados de cereja, finos e caprichosos, uma attitude elegante que realça preversamente a sempre tentadora cabeça de uma mulher linda, encarecendo a exquisitice do pec-cado... Mas, em nome da Arte e do volvente en-canto feminino, que já esse colosso de genio que foi Goette disse que era eterno, eu peço-vos, senhoras minhas, que não danceis o «tango».

Ensinaram-nos que as bellas artes eram cinco: —a architectura, que, baptisando-se, se chamou arte gothica, o que quer dizer a arte de fazer en-trar no céu uma flôr de pedra cujo perfume se chame alma; a escultu-ra que eu suponho os homens roubaram a Deus depois que Elle formou o homem do nada, para repetirem todos os dias esse milagre divino; a poesia, ou seja a enamo-ração da alma, antes do seu casamento com a eterna Belleza; a pintura. isto é, a poesia da Cór, a visão polychroma do drama magnifico da Luz; a musica, que é talvez a harmonia doce da alma tirada pelo arco do sentimento... Mas eu creio que ha mais uma: — é a dança...

A dança é a bella arte do rithmo harmonioso e bello; é como que uma musica que tomasse cor-po e ficasse sempre es-piritual e pura, n'uma atmosphaera poalhada de oiro reluzente que ne-hum vento de paixão



VILLA DO CONDE—O Pellourinho ultimamente restaurado



perturbasse, onde as almas ensaiassem movimentos coordenados, rithmicos, com a calma magestosa da arte sublime e o respeito sagrado de um rito religioso; é como que a geometria do rithmo — uma geometria sagrada, colorida, onde houvesse logar para a alma, em que cada linha tivesse som, todo movimento sentido — uma geometria que fosse ao mesmo tempo poesia e musica...

Eu creio que já se não dança assim...

Não sei onde vi que uma celebre dançarina dançava gravemente, com os olhos baixos, um tizzo na mão, como se fosse sacerdotisa pagã executando uma dança liturgica...

E já vão longe os tempos em que as danças eram um torneio lindo de gentileza, arte e galantaria... Oh, esses salões de outr'ora, onde o bom gosto e a decencia se davam as mãos! Sob a florescencia de fogo dos lustres e o fogo scintilante das

galanteio cheio de respeito e graça, tímido e harmonioso, como se se dirigisse a uma santa do altar. A Dama era rainha, sentada na côrte do Respeito. E o cavalheiro temia tocar-lhe como se violasse o encanto de uma deusa...

Hoje... violou-se o encanto... Já não é o ser delicado e reinante deante do qual o homem vinha confessar-se adorador... E' apenas a mulher fragil, com os olhos liquidos de desejo, amortecidos, arrastada n'um turbilhão hallucinante de paixão por um homem brutal que a preme contra si, — a ella que desmaia, abandonada, com a cabeça sobre o hombro d'elle, sem encanto e sem realeza... E' uma camelia rubra desmaiada, apertada na mão de um macaco com cio...

Está escripto:—a mulher só reina pelo encanto: Quebrae-o. Volver-nos-ha escrava de sangue remordido de ardencias peccaminosas... e inesthetics...



VILLA DO CONDE— O castello

pratas, envolta em rendas fluctuantes onde ardiam pedrarias ricas, como estrellas no sequito d'uma rainha, a Dama passava triumphante, rainha do sorriso, sem que sobre ella poisasse arquejante, um desejo ruim...

Senhora da graça, o homem mal ousava aflo-rar-lhe a ponta fria dos seus dedos de cera, em fu-so, como se temesse offende-la... Deante d'ella, es-belta e serena como um marmore branco que um artista grego cinzelasse, depois de contemplar a esplendorosa mocidade de Venus, o homem inclina-va-se em mesura de côrte, grave e respeitoso, mão no peito e alma ajoelhada... Era como se elle aspi-rasse, de joelhos, o perfume de uma flôr preciosa...

Mas hoje já se não dança assim...

A dança era a arte summa da delicadeza, um

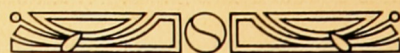
O tango !...

E ha quem no dance!... — E' a paixão ardente da savana, escaldante, uivando, mordendo..., com seivas virgens e selvaticas esbrazeadas pelo sol ar-dente! Vêde-los? O cavalheiro cravou os dedos crispados n'aquella cinta alvorotada, e ella enrosca-se n'elle, colleante, serpentina... Cobra !

Perdoae, senhoras. Mas se quereis conservar a vossa realeza da graça e do sorriso e do bem, não danceis o «tango» !

—O «tango» e até... a valsa...

GONÇALVES CEREJEIRA.



Villa do Conde

(NOTAS A CORRER)



VILLA do Conde é, de par com uma das mais encantadoras praias do norte, um velho burgo historico.

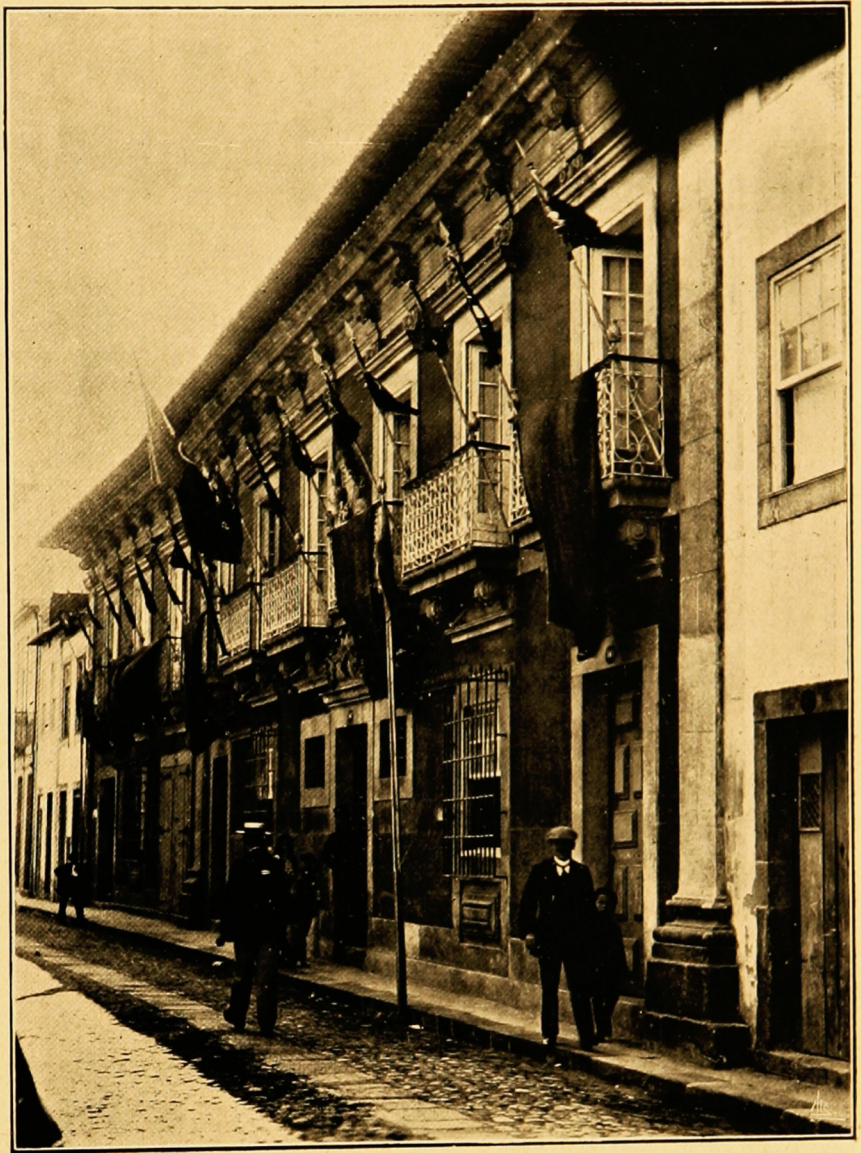
Enumerar os seus monumentos, archivar os lances generosos e alevantados dos villacondenses, a evolução crescente e rapida das suas industrias e do seu commercio, o seu desenvolvimento material, o seu adoravel Ave — é fazer, esmiudadamente, a sua historia gloriosa.

Que dizer do convento de Santa Clara, d'uma magnificente grandiosidade, debruçado sobre o rio, evocando outeiros, tragedias de amor, elegias de dôr, almas simples e boas, em cujas campas reflorem lirios como Berengaria?

A igreja matriz, cuja benemerita restauração se deve, na sua mór parte, á cuidadosa e intelligente iniciativa de Mons. Ferreira, erudito archeologo, é uma das mais pujantes e typicas affirmações do chamado—*manuclino*.

Villa do Conde foi berço de navegadores e apóstolos, de poetas e cabos de guerra, de marinheiros obscuros, de rendilheiras afamadas.

Na descoberta do caminho maritimo da India, um Faria de Figueiredo acompanhava Vasco da Gama; D. João Gaio, arcebispo de Goa, era sobre um theologo de tomo, um roteirista emerito; Fr. João de Villa do Conde evangelisava por longes paragens, como Fr. João Baptista, bispo de Cabo Verde;



Edificio onde se realisou a esplendida Exposição Industrial



Fr. Estevão de Azurara e Fr. Raphael da Madre de Deus, martyrisados; Mariz Carneiro, cosmographo de D. João IV brilha entre os mais afamados pilotos do seu tempo. Romasio tem para um marinheiro villacondense cujo nome se ignora, expressivas palavras de louvor. Lopes Negrão e Correia da Rocha, foram capitães esforçados e heroicos. *Et j'en passe...*

De Villa do Conde, saíram, em repetidos reinados os afamados pannos de três para grande parte das embarcações de alto e pequeno bordo, que se faziam ao Levante e á cata de novos mares e novas plagas.

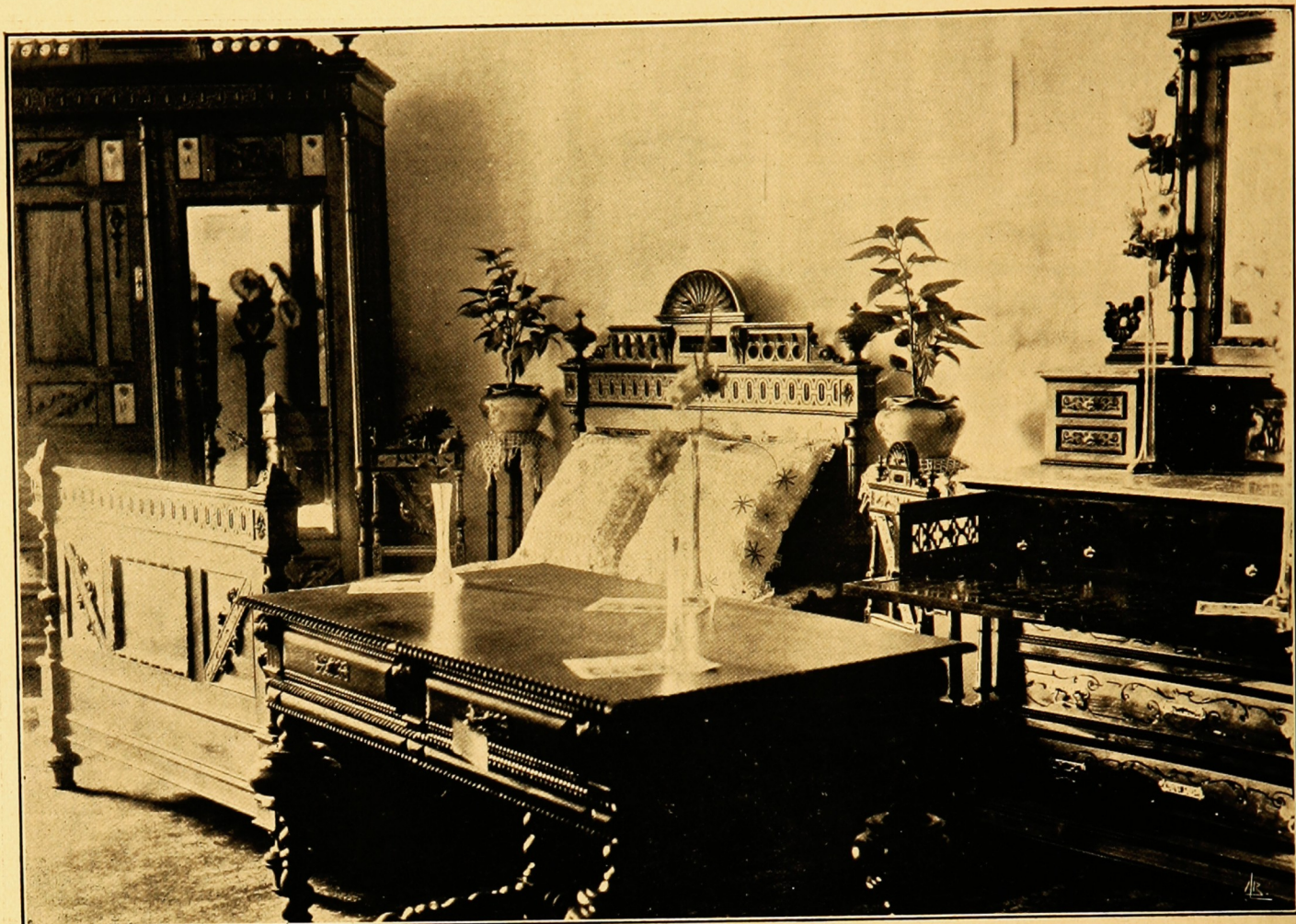
As primeiras marinhas conhecidas, são as de Villa do Conde, deslocando em antiguidade as de Aveiro, que grande numero de escriptores, na esteira do prolixo auctor da «Geographia Historica» dão como os primeiros.

Industria bem tradicional, bem caracteristica, reveladora de um acurado e subtil senso artistico, é a das rendas. A exposição



Um grupo de graciosas rendilheiras





Exposição Industrial—Secção de Marcenaria. Mobilia para quarto
Expositores: snrs. Bom Pastor e Araujo



Exposição Industrial—Productos da Casa de Correção



encerrada ha dias e visitada de centenaes de forasteiros, é a affirmação mais exuberante e clara de quanto vale e, prodigiosamente, pode crescer tal industria.

Maravilha de perfeição e bom acabamento, gosto esthetico, d'uma infinidade de pormenores infinitesimales que espanta; essa aiada, fragil e adoravel teia de aranha, de linha subtilmente entretecida é seguramente a prova do fino espirito educado dos artistas villacondenses.

Da referida exposição resultou bem patente o *savoir faire* d'esses artistas: trabalhos de marcenaria, couros lavrados, encadernações, lapis da «Por-

nota elegante e *rafinée*, as duas adoraveis palestras do sr. Luiz Trigueiros o finissimo *diseur* e subtil psychologo dos «Corações femininos», o contista inegalavel e portuguezissimo dos «Contos de Fadas».

Ao cerrar da epocha, quantos não partirão com saudade; e mais de um olhar murmurará muda e expressivamente a galante quadra seiscentista de Jorge de Castel-Branco :

«Partem, Senhora, tão tristes.
Meus olhos por vós, meu bsm,
Que nunca tão tristes vistes
Outros nenhuns, por ninguém.»

C. R.

(banhista em Villa do Conde.)



Exposição Industrial—Rendas confeccionadas nos «ateliers» dos snrs. Barros & C.^a, do Porto

(Clichés do snr. Joaquim Adriano).

tugalia»—mil e uma coisas em que os nossos olhos se extasiaram, e em que o coração dos villacondenses deve ter refflorido e rejubilado.

D'algumas photographias publicadas, melhor e mais lucidamente resulta quanto acabamos de, *à la diable* esboçar. O velho castello roqueiro sobre a foz do Ave; a branca ermida de Sant'Anna eminente ao rio, tapetando o monte, as tradicionaes e afamadas feiras, etc.

E a fechar, n'uma curta digressão— a praia, plena de diversões, que uma pleiade de distinctas *habitués* prepararam incansavelmente: ghin-kanas batalhas de flôres, carreiras de bicycletas, pic-nics, *bals-de-têtes*, parodias hilariantes a concursos hypnicos, uma festa minhota, e a requintar mais a

A morte do funcçionario

(DO RUSSO)



ERTA noite, o bello Ivan Dmitrich Tcheriviakof, empregado publico, achava-se assentado na segunda fila de *fauteuils*, vendo representar, atravez das lentes da sua lunêta, os *Sinos de Corneville*. Olhava maravilhado as transmudações da scena, e sentia-se transportado aos cumes da mais perfeita beatitude. Mas de subito, o rosto contrae-se-lhe, os olhos pestanejam-lhe, a respiração soffreia-se-lhe, e... atchim! espirrou.

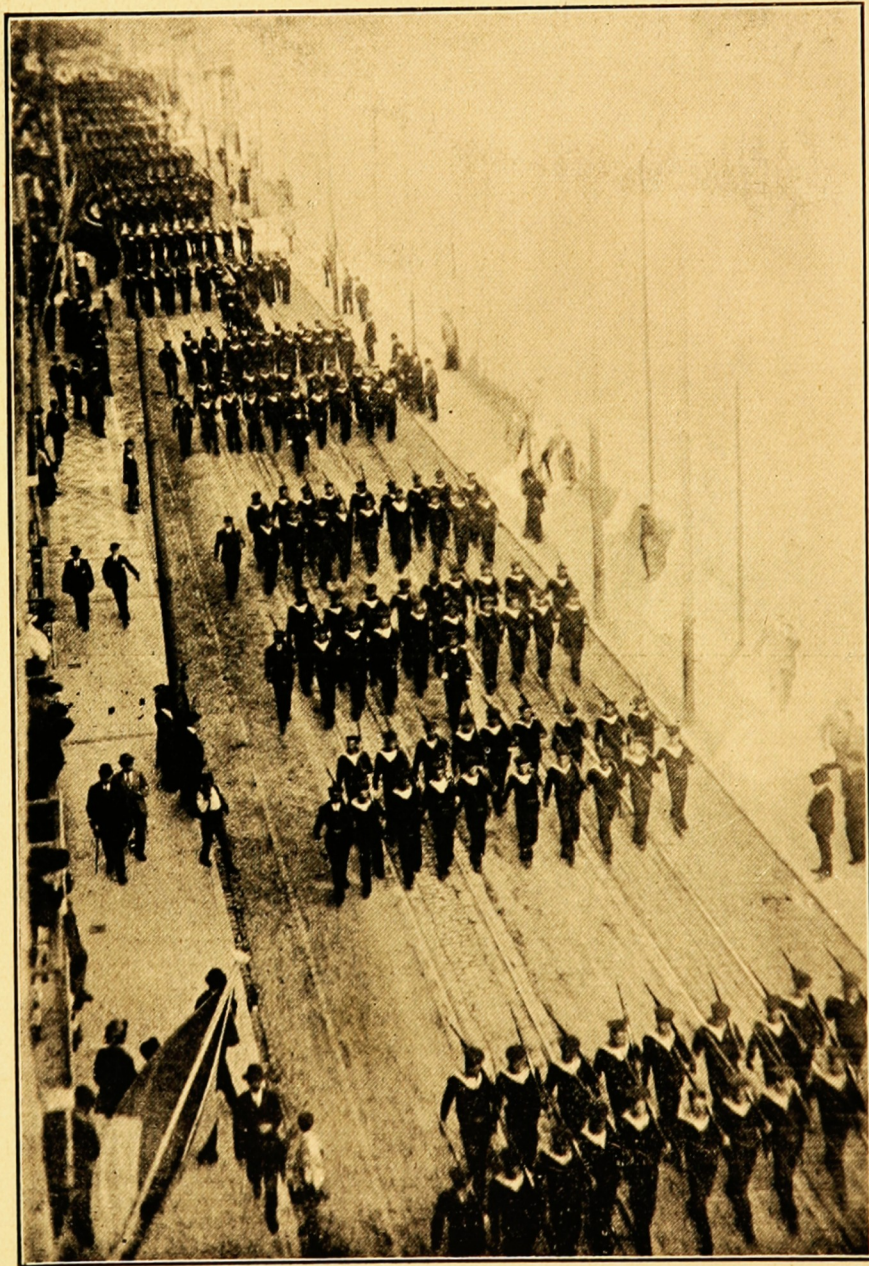


Não é censuravel que alguém espirre, seja onde fôr; os moujiks espirram, os chefes de policia espirram; espirram mesmo, ás vezes, os conselheiros! Tcherviakof tambem nada se impressionou; assoou-se tranquillamente ao lenço, e, como pessoa bem educada, examinou os circumstantes para ver se o seu espirro havia perturbado a alguém.

O' vergonha! Notou que um velhote assentado deante d'elle, limpava vigorosamente o polimento da calva, rosnando quaesquer palavras. E n'este velhote, Tcherviakof reconheceu o general Brizjalof, do ministerio das vias e communações do imperio.



LISBOA—O snr. presidente da Republica, ministro da marinha e estrangeiros, assistindo da janella da camara ao desfile dos marinheiros



LISBOA—Os marinheiros em marcha pela rua do Arsenal

—Offendi-o, pensou. Elle não é meu chefe, mas ainda assim, é necessario que lhe peça desculpa.

Tossiu um pouco, e, curvando o busto para a frente, murmurou ao ouvido do general:

—Que Vossa Excellencia me desculpe. Sujei-o por descuido... não foi de proposito.

—Isso não é nada, não tem importancia.

—Peço que me desculpe. Vossa Excellencia comprehende bem que não era minha vontade fazel-o.

—Então, faça favor de sentar-se. Deixe-me ouvir.

Tcherviakof sorriu estupidamente, mudou de posição e fixou o palco. Olhava, mas já não gosava a felicidade anterior, torturava-o certa inquietação. No intervallo, approximou-se de Brizjalof e murmurou, concentrando toda a sua coragem:

—Eu sujei a Vossa Excellencia. Queira perdoar-me. E' evidente que não era para...

—Vamos, então? bastou. Já esqueci isso, e o snr. ainda me vem contar a mesma historia, disse o general agitando nervosamente as belfas.

—Diz-me que esqueceu tudo, e todavia os seus olhos são de fogo, com mentava de si para si Tcherviakof, espreitando de soslaio o general. O peor é que elle não me quer fallar. Mas era preciso explicar-lhe que não tive inten-



ção nenhuma... que foi só por effeito de uma lei da natureza... E' capaz de julgar que eu lhe queria escarrar em cima da cabeça! E se o não acredita agora, ha-de vir a pensal-o mais tarde...

Chegando a casa, Tcherviakof narrou á mulher a sua indelicadeza, e pareceu-lhe que ella encarava a questão muito levemente. Primeiro, tremera de assombro, mas logo se tranquillisára ao saber que Brizjalof não era o *verdadeiro chefe* de seu marido.

—Ainda assim, vae ter com elle, disse ella, poderia o general pensar que tu não sabes estar ao pé de gente.

—Pois é isso o que me preocupa! Desculpe-me, e elle nada respondeu para me socegar. E' verdade que não houve tempo...

o snr. que é que deseja? Continuou o general dirigindo-se a outro individuo.

—Não me quer fallar, pensou Tcherviakof, empallidecendo. E n'esse caso quer-me mal. Não, eu não posso deixar passar uma coisa d'estas... Eu vou explicar-lhe tudo. Quando o general terminou conversa com o ultimo pedinte, e se preparava para entrar no gabinete, Tcherviakof correu atraz d'elle:

—Se ousou incommodar a Vossa Excellencia, segredou elle, é, posso garantil-o, n'um sentimento de... contricção. Queira Vossa Excellencia persuadir-se de que não foi de proposito.

A face do general encolerisou-se. E com um gesto de aborrecimento:

—O senhor está a troçar commigo! resmungou,



LISBOA—Parada de bombeiros. Desfile das viaturas em frente á camara

(Clichés do nosso corresp. phot. em Lisboa)

No dia seguinte, Tcherviakof, barbeou-se, vestiu o seu uniforme novo, e partiu para casa de Brizjalof com o fim de prestar as suas explicações. Ao entrar na sala de recepção, viu um grande numero de pessoas apresentando memoriaes que o general guardava passando pelo meio.

Depois de haver attendido muitos sollicitantes, chegou junto de Tcherviakof e levantou os olhos.

—Vossa Excellencia recorda-se talvez, começou o empregado, que espirrando, hontem no theatro, sujei-o por descuido, por inadvertencia. Queira Vossa Excellencia desc...

—Que bagatella... sem a menor importancia! E

desapparecendo por detraz do reposteiro.

—Não ha escarneo nenhum em tudo isto, repetia consigo mesmo Tcherviakof. Que mal póde haver? Bem vejo, que para general, não comprehende as coisas sufficientemente. E já que assim é, tambem não mais pedirei desculpa a semelhante fanfarrão. Que vá passear! Escrevo-lhe, mas não torno a casa d'elle. Ah! não, nunca mais...

Assim reflectia Tcherviakof quando chegou á porta da sua casa.

De facto, não escreveu ao general. Durante largo tempo deu tractos á imaginação, mas não



chegou a redigir a carta. No dia seguinte, porém, decidiu-se a ir explicar-se de viva voz:

—Hontem, vim incommodar a Vossa Excellencia, começou elle quando o general lhe lançou os olhos. Vim importunar a Vossa Excellencia, mas não para troçar, como Vossa Excellencia disse ou quiz dizer... Vim desculpar-me de o ter sujado quando espirrava... E não era a rir que assim procedi. Como é que poderia arrogar-me a insolencia de rir? Se a gente se puzesse a rir, como é que seria mantido o respeito devido áquellas pessoas... como direi?...

—Fóra d'aqui! rugiu de repente o general.

—O quê?! perguntou ainda Tcherviakof, aniquillado de espanto.

Fastos do Catholicismo



Dentro em pouco realizar-se-hão em Italia eleições geraes. Como é costume já, a imprensa tem dado curso a boatos de espantosa malignidade, por esse motivo. As agencias, que recebem da maçonaria o santo e a senha, propalaram que no Vaticano corria poderosamente a intriga, pois ao passo que alguns queriam que fosse livre o voto, outros instavam pela abstenção.

Essas noticias astutas tiveram já o seu desmentido. O *Osservatore Romano* publicou uma nota da Sociedade União Romana, referente ao caso em



ESPINHO—Batalha de flores. Aspecto da assistencia

—Já na rua! repetiu o general batendo o pé, freneticamente.

Alguma coisa se rompeu no ventre de Tcherviakof, que nada vendo nem ouvindo, se dirigiu para a porta e sahiu titubeante para a rua.

... Chegando machinalmente a casa, despiu o seu lindo uniforme novo... deitou-se sobre o canapé... e morreu!...

TCHÉKHOF.

Certo aristocrata diz a um banqueiro:

—Acabo de jantar com um poeta que á sobre-mesa nos regalou com um epigramma excellente.

O banqueiro fixando o seu creado:

—A'manhã, em vez de fructa, quero para a sobremesa epigrammas. Aqui nunca comemos d'isso.

questão, e ella preceitua a abstenção dos catholicos nas proximas eleições, em Roma.

Como não ignora ninguem a situação de Italia é excepcional. Os catholicos de Italia podem livremente votar sem outras restricções senão as da moral, isto é votando só em candidatos catholicos ou nos menos indignos para evitar males maiores. Os catholicos, porém, dos Estados Pontificios, usurpados pelo rei da Sardenha só podem exercer o seu direito civico n'um caso muito excepcional em que seja necessario combater um grande mal, apresentando-se uma candidatura absolutamente impia.

Aos catholicos de Roma, porém, se prohibiu o tomarem parte na vida politica da Italia unificada, porquanto a minima ingerencia, em taes condições, é um reconhecimento, tacito embora, do latrocinio da Porta Pia. Esta é a disciplina applicavel ao ca-



so, e sobre isto não ha no Vaticano intrigas, e nem sequer duas opiniões.

Succede, ás vezes, que nos meios catholicos se discute se, n'um determinado caso, convem ou não dispensar da prohibição os habitantes dos Estados Pontificios, comtudo d'essa discussão serena nasce não a miseravel intriga, mas a sapientissima direcção dos povos.

* * *

Em Roma existe uma associação, nunca assazmente louvada, de protecção ás jovens. O commercio vergonhosissimo da mulher, commercio pintado magistralmente por escriptores e conferencistas, da firmeza de pulso e saga-



ESPINHO—Um dos carros que tomou parte na batalha de flores



ESPINHO—Batalha de flores. O carro das rosas

cidade d'aquelle; que trataram esse problema social no congresso catholico de 1895 em Lisboa, preocupa todas as nações.

Todas as nações, excepto a nossa, porque as obras sociaes ainda não entraram em nossa patria.

A sociedade romana a que acima fazemos referencia dirigiu uma circular aos ministros de Correios e Telegraphos, ou seus directores geraes, pedindo que seja defeso ás meninas menores de 18 annos receberem cartas na Posta restante.

Sem duvida que tal resolução será opportuna e de uma certa importancia, todavia... ficam ain-

da as quartas paginas de certos jornaes.

* * *

Palavras que merecem ser archivadas são as de Marcel Blatin na sua these de doutoramento. Anticlerical, como elle é, as suas palavras tem o valor de serem insuspeitos.

«Tendo passado por hospitaes —diz elle,—onde ha enfermeiras religiosas e por outros onde não ha senão leigas, pude fazer o confronto...

As religiosas sabem melhor que as enfermeiras leigas fallar aos doentes, amal-os e consolal-os...

Não pude deixar de reconhecer



ESPINHO—Batalha de flores. Carro das lavradeiras



que nas irmãs, ha um admiravel espirito de dedicação e caridade».

E' eloquente a confissão, feita, como fica dito n'uma these de doutoramento. O esplendor da verdade, que triumphou.

*

Está reunido em Paris o congresso annual da *Croix*. Esta importantissima casa editora franceza innunda o seu paiz de jornaes, revistas, folhas e livros baratissimos. E' uma obra de grande benemerencia, e á qual se deve a rechristianisação incipiente d'aquelle paiz irmão.

O congresso annual destina-se a juntar ideias e esforços pondo em contacto os trabalhadores da obra, disseminados por toda a França. Quando teremos em Portugal congressos assim?... Quando se unificará a acção da nossa imprensa?...

R. C.

O Mestre Azevedo

(17—X—1897)

Era assim que chamavam a João Marques Soares d'Azevedo, que foi director do *Commercio do Minho*, mas ha dezeseis annos já derrubado pela morte.



João Marques Soares d'Azevedo
JORNALISTA BRACARENSE

(fallecido em 17 de outubro de 1897)

Era conhecido tambem por João da Rita, porque nos seus tempos de rapaz, quando caixeiro, estivera na casa da Ritinha, velha capellista da primitiva rua de Santo Antonio.



ESPINHO—Batalha de flores. Carro dos japonezes

(Clichés de J. Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

O João Azevedo, que desde muito novo se dedicara ás letras, só mais tarde é que passou a ser o Mestre Azevedo, quando nomeado professor primario para a escola da suburbana parochia de S. Paio de Merelim.

Era homem d'uma vasta cultura intellectual, muito longe, portanto, de ser o mestre-escola vulgar, pois que ao mesmo tempo que se dedicava ao commercio, ia fazendo o seu curso lyceal, que chegou a concluir.

Deixou no jornalismo bracarense um enorme rasto de luz, tornando-se celebre pelo fino humorismo da sua penna e pela sua audacia de combatente, escrevendo sempre com a maxima correção.

Retalhos da sua alma de artista ficaram esparsos nas columnas do *Commercio do Minho*, do *Regenerador*, do *Amigo do Povo*, e de outros periodicos locais de então.

Uma grave doença viera pôr termo á vida do gigante, depois de lhe tirar o uso da razão.

Teve um grande coração e fôra, sobretudo, um crente profundo, pondo a sua penna, sempre que era preciso, ao serviço da sua inquebrantavel fé.

E isto bastaria para recordal-o hoje com saudade...

VICENTE BRAGA.

FIGURAS DA BEIRA

VII

Dr. João Mendes de Magalhães

NÃO era João Semana. Esse *simile* pertencia, completamente, admiravelmente, ao dr. José Correia da Silva Menezes. Mas tambem não era nenhum d'esses medicos solemnes, de olhar sobranceiro, de attitudes

conselheiras, que vendem mais caros ainda os sorrisos do que as proprias receitas.

Figura nativamente distincta, alto, membrudo, de physionomia aberta, clareada por uma doce ironia, era impossivel esquecer-la, depois de vista uma só vez. Impunha-se o vasto e liso da fronte, a expressão intensamente analysta do olhar, a nobreza do nariz aquilino, e até a como que conjugação typica da suissa farta com o bigode, alliança verdadeira que lhe dava á face uns longes de Guilherme I da Prussia.

o caracter. O coração! Foi o coração que o matou, um dia antes ou um dia depois de se finir seu irmão Manuel Mendes de Magalhães, escrivão de direito.

João Mendes era essencialmente um bom. Na quasi rigidez da attitude, liam todos, os menos psychologos, um sensitivo que pretende inculcar-se homem forte contra impressões sentimentaes. Mas, á beira dos enfermos, o dr. Mendes transfigurava-se. Primeiro, era o suggestionador sem equal que com a presença só curava muito mais ainda do que com os remedios. Palavra cheia de fé perfeita, religiosa dentro do prestigio scientifico, levantava de subito as forças dos mais doentes. Era proverbial: *Chamem o dr. Mendes, e eu terei saude*. Elle ia, mal receitava, e curava quasi sempre. Era o seu grande coração o grande medico. Dir-se-hia que curava, porque amava enternecidamente os doentes. Se elle asseverasse que uns grammas de agua distillada eram de um infallivel elixir, o enfermo acreditava, ingeria a agua, e salvava-se, ás vezes, da morte fatal. Com tal poder suggestivo só conheci um medico—eminente pelo saber, pelo prestimo, pelo caracter—o dr. Souza Christino, que julgo viver ainda n'um

dos pittorescos arredores de Barcellos.

Mas, quando João Mendes era adoravel, era quando o enfermo era pobre. Então em tudo se transfigurava. Tornava-se singelissimo, como que humilde, conselheiro e enfermeiro gratuito, quasi sacerdote pelo que fallava de Deus, offerecendo-se todo áquella miseria dolorosa—no sa-



LAMEGO—Festa de N. Senhora dos Remedios.

1.—Carro de N. Senhora da Assumpção.

Mas, ouvido, o hypnotismo, emanado da sua pessoa, era singular. Dominava, sendo sóbrio de palavras, muito preciso e conciso de linguagem. N'el-le como que tudo era substancial, profundo sem espavento, claro, simples e, comtudo, nitidamente scientifico. Entretanto, o chronista era delicioso. Tinha phrases rapidas d'um chiste inédito, inolvidavel pela dicção finissima e, afinal, desprerenciosa.

Sobre tudo isto, era o professor ponderado e pratico, inimigo de narizes-de-cêra, sensatissimo de criterio pedagogico. A sua aula de mathematica no Lyceu era tão attrahente pela orientação clara como fecunda pelo solido ensinamento.

Mas, se o talento o distingua, admiravelmente o impunham o coração e



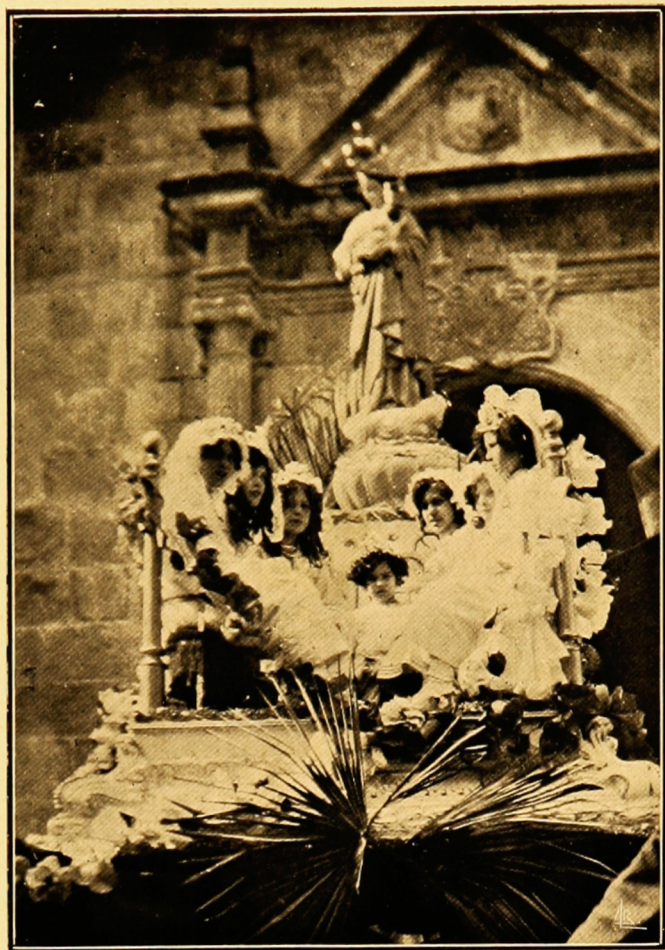
2—Carro da cidade, offerta do commercio.



Carro da Santa Familia, offerta dos operarios



ber, na força suggestiva, no alento complexo e completo, até no recatado abrir da bolsa. E era vê-lo depois, ao sahir da pobre mansarda. Trazia os



Carro de N. Senhora dos Remedios

(Clichés do phot. amad. sr. Annibal Rebello).

olhos marejados de lagrimas. Porquê? Elle explicava: *E' porque não posso ouvir choradeiras...*

JOSÉ AGOSTINHO.

Vianna do Castello

Festa de Nossa Senhora das Dôres

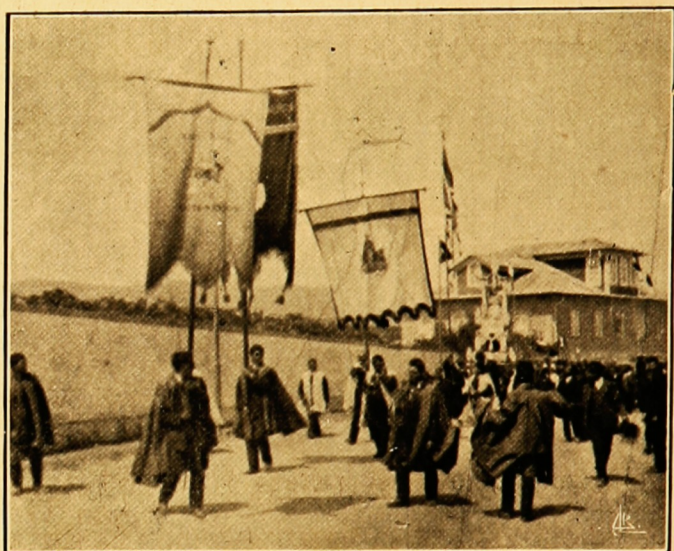
Teve uua concorrência extraordinaria a festividade ultimamente realisada na populosa freguezia de Santa Martha de Portuzello em honra da Virgem das Dôres, cuja devota imagem tem no povo d'aquella região um sincero e fervoroso culto.

Além dos numeros costumados em festas d'esta natureza faremos notar a parte religiosa a que a comissão organisadora dos festejos soube dar um esplendor digno de registo.

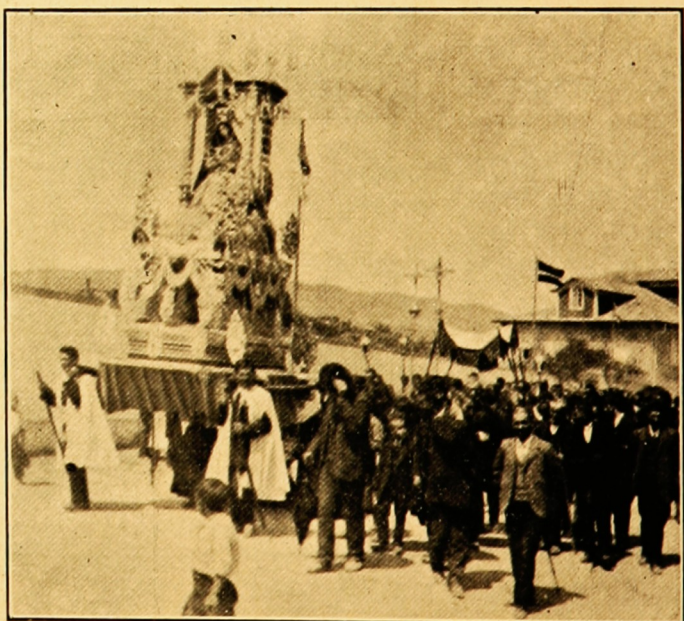
A seguir publicamos algumas gravuras com aspectos da procissão cujos *clichés* devemos á amabilidade do distincto amator photographico snr. Antonio Vianna.



Chegada á igreja parochial da musica e mordomos de N. Senhora das Dôres



Os estandartes que iam na frente da procissão



A procissão e o andor de N. Senhora das Dôres

(Clichés do phot. amad. sr. Antonio Vianna).





BRAGA—O snr. ministro da justiça — conversando com alguns republicanos
á porta do Hotel Gomes & Mattos

(Cliché de João J. Souza Guimarães phot. da «Ill. Cath.»)



POVOA DE VARZIM—Grupo de professoras e alumnas do importante
Collegio Boa Esperança



NOZAS DO ESTRANGEIRO

Uma grandiosa obra de engenharia

1—Wilson engenheiro diretor.

2—Vista do canal do Panamá.

3—Pharol para auxiliar a passagem do canal.

4—Os diques de Gatun ultimamente concluidos.

5—O córte de Culebra visto da parte sul do canal.

6—Molhes em construcção.

